



Feminismo chiclete e a descolonização e descapitalização das mentes

Fungai Machirori

Há cerca de dez anos, enquanto fazia o meu bacharelato em jornalismo e em estudos de média no Zimbabué, a nossa turma teve uma cadeira obrigatória sobre género e feminismo. Durante a maior parte do semestre, analisámos as obras de académicas e activistas feministas como Simone de Beauvoir, Germaine Greer e Gloria Steinem. Aprendemos as diferentes ondas do feminismo no contexto de uma história muito afastada da nossa, mas que os nossos estudos universalizavam. E como resultado, pelo menos na minha opinião, não tinha nada a ver comigo para além de me ajudar a passar uma cadeira para ficar mais perto da conclusão dos meus estudos.

Continuei assim grande parte dos anos entre o início e meados dos meus 20 anos, trabalhando na sociedade civil e identificando-me como uma “activista do género” conformando muitas das minhas emoções com as normas acordadas de o que eu gostaria de pensar como raiva delicada. Seria alguns anos mais tarde, durante um fellowship em estudos feministas, que acabaria por compreender profundamente que ainda não sabia nada sobre o que era o feminismo. E durante muito tempo, tinha estado resistente àquilo que então considerava um ‘rótulo’ externo, com as seguintes palavras de uma entrevista de 1994 com a escritora nigeriana Buchi Emecheta ecoando profundamente em mim;

entre outras respostas à questão se ela se considerava uma feminista, Emecheta declara: “Nunca me intitulei feminista. Agora se quiser chamar-me feminista, isso é consigo...” (Mikell, G. (2003) *Feminismo Africano: Para uma Nova Política*)

Também devaneava sobre outras palavras como o poema ‘Irmandade’ (Sistership) de Nkiru Uwechia Nzegwu, que narra a conversa entre uma empregada negra e a senhora branca, supostamente unidas em solidariedade contra o patriarcalismo, que termina da seguinte forma:



“Olhei para cima
do trabalho que fazia
no chão da cozinha
onde, a irmã recentemente encontrada
me tinha ordenado que estivesse
de joelhos
a esfregar o chão
pela insignificância que ela me pagava:
de joelhos
a esfregar o chão
para o irracionalismo”.

A minha ambivalência sobre o feminismo centrava-se em torno da minha identificação com uma política que não parecia ter sido definida comigo em mente, uma política que, no máximo, me confundia e, no mínimo, me deixava zangada. Era esta uma identidade externamente orientada que estava a ser forçada a assumir, perguntei a mim mesma? Era esta apenas uma outra forma de neocolonialismo?

Reconhecidamente, esta era uma jornada que me levaria alguns anos; anos durante os quais me fiz muitas perguntas e procurei muitas respostas, ficando algumas vezes mais frustrada pela sua elusividade. Mas foi aqui que o trabalho de vinda para a política e de tomada de consciência aconteceria, inspirada pelos escritos de pessoas como Audre Lorde, Patricia McFadden, Filomina Steady, Ama Ata Aidoo, Everjoice Win, Bell Hooks e muitas outras mulheres de cor que me compeliram a fazer a minha caminhada feminista pessoal.

Como o meu despertar através de ler finalmente literatura africana na minha adolescência - depois de uma vida inteira a consumir apenas textos ocidentais e imaginários de neve, estilo de vida Vitoriano e campo Inglês - ler obras destas mulheres colocou-me num contexto no qual podia finalmente identificar-me e posicionar-me.

Feminismo é ‘fixe’... ou é?

Hoje em dia, o feminismo, pelo menos no ocidente, é fixe. Pode mesmo ser considerado extravagante. Em Hollywood, alguém intitular-se feminista parece cada vez mais um crachá usado como uma marca do seu progressismo. Beyonce, uma das cantoras mais

lucrativas do nosso tempo, apresenta a TEDx conversatornada- brochura-muito-vendida de Chimamanda Ngozi Adichie ‘Devíamos ser todos Feministas’ na sua faixa de sucesso ‘Flawless’. Ao mesmo tempo, porém, a letra da canção inclui “Bow down bitches” e “I woke up like this” (referindo-se a acordar impecável, que neste caso parece ser a beleza feminina heteronormativa, maquilhagem retocada, bâton ousado e um penteado moderno). Desde a Jennifer Lopez à Taylor Swift, é fixe ser-se feminista hoje em dia. Não importa que seja difícil identificar as posições ou críticas políticas destas estrelas sobre assuntos importantes como a autonomia corporal das mulheres, patriarcalismo e capitalismo. De facto, com demasiada frequência, estas estrelas ajudam, e perpetuam, as questões problemáticas contra as quais o seu feminismo deveria lutar.

Gostaria de anunciar, porém, que a conversa em África, embora muito similar, se centra num diferente locus de poder e capital. Se o consumismo ocidental está a ter um grande sucesso na embalagem e venda da marca ‘feminismo pastilha elástica’ que se mantém doce apenas durante alguns minutos, estamos a assistir de modo similar à intervenções programáticas apelativas de curto prazo e acerca do activismo feminista. ‘Ele por Ela’, uma campanha liderada pela celebridade Emma Watson através da ONU, foi desenvolvida em muitos países, pronunciando uma posição para homens que lutam pela igualdade de género, mas que muitas vezes é feita através de promessas públicas sem sentido crítico que requerem pouco empenho na justiça transformativa à longo prazo. Dia Laranja, outra actividade que recentemente se tornou popular, pede aos observadores que usem laranja no dia 25 de cada mês, como um meio para aumentar a consciência em torno da violência contra as mulheres. Embora seja um indicador de solidariedade importante, a prática nem sempre é acompanhada por um combate crítico à violência e às suas múltiplas manifestações e locais.

Também, é crescentemente prática comum que as acções de formação e Workshops que envolvam mulheres sejam rotuladas como reuniões feministas





mesmo sem uma articulação notória de uma política feminista partilhada pelos financiadores, organizadores e participantes. Lembro-me de ter estado numa dessas reuniões o ano passado, onde algumas participantes admitiram que só estavam dispostas a intitular-se feministas durante a reunião. Para elas, o feminismo era simplesmente uma porta de entrada para aceder a recursos e oportunidades. E podiam ser efectivamente culpadas dado que os próprios organizadores do Workshop estavam mais preocupados em atingir os indicadores e objectivos numéricos do que criar uma consciência feminista?

Tal como há apropriação do feminismo no âmbito dos mercados consumistas como nos média ocidentais, entretenimento e publicidade, temos também de confrontar esta realidade localmente e na forma como a sociedade civil lhe responde.

Feminismo no Zimbabué

De facto, a jornada para a consciência feminista e a articulação no Zimbabué está sobrecarregada de muitos desafios. Excepto em poucos espaços transformativos e alternativos, para nos definirmos como feministas - com políticas notórias em torno de problemas que ainda têm arestas entre muitos, como o aborto, direitos dos LGBTQI e sexo e sexualidade - ainda permanece extremamente estigmatizado e censurado. Este é afinal, um contexto no qual, apenas em 2014, o Supremo Tribunal proferiu uma decisão marcante de indemnizar Mildred Mapingure, uma sobrevivente de violação que sofreu com as ineficiências e os preconceitos do sistema judicial. Mapingure foi violada num ataque levado a cabo por assaltantes em 2006 o que levou a uma gravidez indesejada. Depois de uma série de eventos que lhe negaram o direito legal de fazer um aborto, de acordo com as estipulações da Lei relativa Interrupção da Gravidez que permite a interrupção em caso de violação, Mapingure levou a gravidez até ao fim. Processou o governo num total



de US\$51000 por danos e alimentos para a criança. O Supremo Tribunal proferiu um acórdão que continha disposições relativas à indemnização por

danos a Mapingure, mas não concedia alimentos para a criança.

Ao longo de cinco anos, desde a sua abertura, a Clínica de Violação de Adolescentes e Adultos, em Harare, a única instituição que servia uma população de mais de um milhão, ainda luta para conseguir cumprir as suas necessidades de recursos para lidar com casos de violação e violência sexual. No final de 2015, uma campanha de financiamento colectivo angariou US\$1135 para pagar o pessoal da clínica com recursos insuficientes, como bônus de Natal, salientando as grandes lacunas com que operam os serviços essenciais.

E enquanto falo sobre feminismo e a sua emergência na sociedade civil convencional, gostaria de me apressar a adicionar que também opera num contexto da apatia social em que cabeçalhos como os seguintes eram publicados, com um pouco mais de feedback que alguns tweets de protesto:

Empregada de 14 anos agredida por agarrar o marido da patroa (NewsDay, 25 de Janeiro de 2016)

Rapariga (13) vai para a cama com 3 homens, contrai HIV (The Herald, 26 de Setembro 2016)

Além disso, o Pentecostalismo radical continua a aumentar o número de seguidores em virtude da falha do estado em garantir protecção social aos cidadãos, exacerbando assim profundamente os modos patriarcais da relação. No final do ano passado, um pastor do Zimbabué causou profunda controvérsia quando membros do sexo feminino da sua congregação alegadamente entraram pela igreja para receber os preservativos que ele tinha ungido por oração; diz-se que o milagre começou quando uma mulher que estava separada do marido há dois anos trouxe os seus preservativos para que o pastor os abençoasse como meio de o convencer (ao marido) que deviam praticar sexo seguro até saberem os resultados dos testes de HIV. A ideia subjacente a este conceito dos preservativos milagrosos é que o poder de negociar o sexo seguro, ou de recusar, de todo, o sexo, não é efectivamente inerente à própria mulher, mas está antes no âmbito dos poderes que um pastor



(como por intercessão de Deus) transfere para o objecto da negociação. Num estudo de 2015 relativo a 22 mulheres cristãs do Zimbabué que tinham sido maltratadas pelos seus parceiros íntimos do sexo masculino, 16 (quase 75% do grupo) reportaram que não tinham tirado vantagem de qualquer das disposições da Lei relativa à Violência Doméstica para reportar os maus-tratos às autoridades (Chireshe 2015). A crença no poder da oração para pôr fim à violência, a percepção de espíritos diabólicos como os verdadeiros perpetradores da violência e a ideia que esse sofrimento era um teste de fé necessário foram algumas das razões apresentadas pelas mulheres que não reportaram os maus-tratos.

O trabalho de descolonizar e descapitalizar as mentes é, conseqüentemente, trabalho que temos de compreender como sendo extremamente complexo, conflituoso e a expensas de muito do nosso conforto. De modo a articular um feminismo político dinâmico, temos de ficar cada vez mais confortáveis com o

confronto de múltiplas opressões e contradições que marcam as nossas vidas como mulheres do Zimbabué e Africanas. Temos também de permanecer atentos às múltiplas razões porque muitas têm relutância em se auto-identificar como feministas, considerando “activismo de género” uma articulação mais precisa das suas políticas. Como resultado, não podemos considerar o trabalho feminista como estando alguma vez concluído, como podia ser sugerido pelas rubricas orçamentais que alocamos ao nosso trabalho, as teorias da mudança que criamos, ou os quadros de registo nos quais projectamos objectivos radicais mas, em última análise, inalcançáveis em que sacrificamos a qualidade da nossa potencial influência à quantidade de pessoas que podemos alcançar. Lamentavelmente, o patriarcalismo nos seus muitos aspectos, como financiamento despolitizado, o homem do “toque de misericórdia” de Deus e uma resposta chocantemente descuidada e nacionalizada a questões que afectam grandemente as mulheres, continua a transformar e a cooptar o nosso silêncio. ◉





Sobre a Autora

Fungai Machirori é investigadora, consultora de média, especialista em comunicação e blogger (<https://fungaineni.net/>) do Zimbabué. Os seus temas de investigação envolvem o impacto dos novos média nas organizações feministas e as intersecções de políticas feministas e financiamento.

Série Diálogo Feminista

A Ideia da Série Diálogo Feminista nasceu durante uma Workshop Internacional sobre o Feminismo Político em África organizada pela Plataforma Feminista Moçambicana *Fórum Mulher* e a Fundação Friedrich Ebert (FES) em Outubro de 2016 em Maputo. A reunião juntou mais de 50 activistas e académicas feministas de todo o continente. Inspirada por discussões e intervenções estimulantes no workshop, esta série visa ser uma plataforma para a partilha de reflexões feministas importantes. Desta forma a série quer contribuir para o desenvolvimento e divulgação do conhecimento feminista africano para transformar as condições políticas e económicas no continente para a justiça social e do género.

A Série Diálogo Feminista conta com a contribuição artística de Ruth Bañón (cabeçalho) e o design de Sebastião Montalvão (Lateral Multimédia).

Esta série é organizada por:

**FRIEDRICH
EBERT
STIFTUNG**

